

**ATA DA REUNIÃO GRUPO DE TRABALHO – CASO EVANDRO: APONTAMENTOS PARA O FUTURO – 15/09/2021**

No décimo quinto dia do mês de setembro de 2021, às 10h00, foi realizada a décima primeira **Reunião do GRUPO DE TRABALHO – CASO EVANDRO: APONTAMENTOS PARA O FUTURO**. Participaram da reunião, remota ou presencialmente: **Angela Christianne Lunedo de Mendonça**, Chefe do Departamento de Promoção e Defesa dos Direitos Fundamentais e Cidadania e do Departamento de Políticas para Criança e Adolescente da SEJUF, também na qualidade de Coordenadora do Grupo de Trabalho – Caso Evandro; **Dr. Olympio de Sá Sotto Maior Neto**, Procurador de Justiça, Coordenador do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos do Ministério Público do Paraná; **Cláudio Marques Rolin e Silva**, Delegado responsável pelo Setor de Vulneráveis da Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa; **Rogério Nicolau**, Advogado integrante da Comissão da Advocacia Criminal, da Ordem dos Advogados do Brasil Seção Paraná; **Bruna Saraiva**, Presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente da Ordem dos Advogados do Brasil Seção Paraná; **Rafael Moura**, Promotor de Justiça e membro do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos do Ministério Público do Paraná; **Regina Bley**, membro do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos do Ministério Público do Paraná; **Bruno Muller Silva**, Defensor Público Coordenador do Núcleo Especializado da Infância e Juventude; **Arlete Kubota**, do Conselho de Supervisão dos Juízos da Infância e da Juventude do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná; **Marcel Jeronymo Lima Oliveira**, Vice-Presidente do Conselho Permanente de Direitos Humanos; **José Wilson Souza**, Presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente; **Carine Rossane Piassetta Xavier**, do Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial; **Carmen Lúcia Pereira da Silva, Ana Raggio, Eloise Zanon Garcia e Ana Vitória Naumann**, do Apoio Técnico do GT; e os convidados **Lucas Steffen Bossi**, Arquiteto e Urbanista, irmão de Leandro Bossi, e **Dra. Isabel Kugler Mendes**, Advogada. **1. Abertura pela Coordenação:** Cumprimentando a todos os presentes, Angela Christianne Lunedo de Mendonça dá início à reunião. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: “Nós, então, na data de hoje, temos como pauta dentro da nossa programação dois relatos espontâneos que foram reorganizados a partir do Plano de Trabalho. A escuta do relato espontâneo relativo ao eixo Violações de Direitos Humanos e, dentro desse eixo então, o convite realizado a familiares de pessoas desaparecidas do Caso Evandro e também a Associação de Familiares de Pessoas Desaparecidas, além da Dra. Isabel Mendes, que é nossa grande amiga, defensora de direitos humanos, uma referência histórica no Paraná nessa pauta dos direitos humanos em vários aspectos. É realmente um grande prazer recebê-la

presencialmente conosco”. **DRA. ISABEL KUGLER MENDES** fala: “Eu estou dizendo que o prazer, Dra., e o agradecimento a Deus é meu, porque há exatamente vinte e nove anos, eu estava olhando a data do segundo dossiê, trinta anos, vai fazer trinta anos, vinte e nove anos e, na realidade, Dra., era um sonho de ver que hoje autoridades estão resolvendo isso, porque não vou me adiantar em dizer, Dr. Cláudio sabe, não foi uma, nem duas. Foram autoridades desde as internacionais até as municipais e nunca, Dra., nunca, se eu recebi alguma vez algum retorno foi ‘Encaminhado para as providências cabíveis’. Jamais qualquer autoridade tomou providência judiciária, legislativa e executiva. Então, eu agradeço a Deus e a vocês”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** continua: “Seja muito bem-vinda. Então, também o nosso convidado Senhor Lucas. Eu peço, então, que este Grupo de Trabalho tenha início nos trabalhos do dia de hoje, dia 15 de setembro, com a chamada dos membros que compõem o Grupo. Eu, já a priori, informo e peço que a Ana Raggio faça a condução do trabalho a partir de 11h20min, porque vou precisar me afastar por algum tempo por conta de uma live do CONANDA, onde eu represento o CEDCA nessa pauta. Então, por um intervalo de trinta minutos mais ou menos eu me ausentarei, mas peço que o Grupo siga com os trabalhos sobre a coordenação da Ana Raggio a partir de 11h15min mais ou menos”. **2. Aprovação da ata do dia 01/09/2021:** Ata aprovada por unanimidade. **3. Relato espontâneo do convidado Lucas Steffen Bossi:** **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: “Conforme metodologia aprovada por esse Grupo de Trabalho, nós iniciamos o item quatro da nossa programação de hoje, que trata do relato espontâneo dos convidados, o Senhor Lucas Bossi e Dra. Isabel Mendes. Eu só gostaria de, antecipadamente – eu não sei se foi encaminhada a cópia do Plano de Trabalho do Grupo aos convidados – esclarecer qual é o objetivo deste Grupo e também um pouco do detalhamento do andamento metodológico do nosso encontro. O objetivo geral deste Grupo de Trabalho consiste em ‘analisar, de forma interinstitucional, o emblemático Caso Evandro, visando identificar possíveis violações de direitos humanos e sugerir aos órgãos competentes a adoção de medidas cabíveis para apuração de eventuais ilícitos no caso, bem como sugerir a implantação, implementação e fortalecimento de políticas públicas para evitar que as violações identificadas se repitam no Estado do Paraná’. Esse é o grande objetivo, então, para podermos, ao final deste GT, construirmos esses apontamentos e nós, então, acordamos que para o relato espontâneo cada convidado poderá dispor de até quarenta e cinco minutos para as considerações que têm a fazer em relação ao caso, enfim, à situação vivida. Especialmente o Lucas em relação, por óbvio, ao seu familiar, à situação do seu familiar, e após o relato serão feitas as perguntas, as pontuações, os esclarecimentos ou complementações pelos nossos convidados e colegas aqui do GT. Pergunto ao Lucas ou a Dra. Isabel se há alguma preferência por iniciar o relato. Dra. Isabel gostaria de começar?”. **CARMEN LÚCIA PEREIRA DA SILVA** informa: “O Lucas precisa voltar ao trabalho”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA**

continua: “Ele precisa voltar ao trabalho. Então, se a Senhora compreender, tudo bem? Por favor, então, Lucas, pode fazer o uso da palavra explicitando aqui nesse lugar e essa condição, então, das famílias envolvidas nessa dor. Posso até aqui usar uma palavra um pouco forte, mas acho que essa mácula afetiva mesmo, desse processo do desaparecimento de crianças. Então, por favor, a palavra é sua, faça o uso livre e fique à vontade para nos trazer as contribuições e as pontuações que você considere importante para este Grupo”. **LUCAS STEFFEN BOSSI** relata: “Bom dia a todos. Primeiramente, eu gostaria de agradecer a oportunidade de fala, pedir licença para a Dona Isabel para eu ter essa preferência nesse momento, como eu tenho necessidade de voltar ao trabalho. Eu não sei como eu devo falar, é a primeira vez que eu estou participando, mas se vocês quiserem me interromper ou me seguir para alguma coisa, vocês vão me reorientando. Para mim hoje é um dia bem difícil de estar falando sobre isso. Hoje fazem dez mil, oitocentos e cinco dias que meu irmão está desaparecido. Hoje é aniversário do meu pai; meu pai faleceu em 30 de abril sem ter nenhuma resposta, podemos dizer assim, firme sobre o que aconteceu de fato com o meu irmão. Eu tenho vinte e oito anos, então toda minha vida eu vivi à sombra do desaparecimento de um irmão, a ausência de um irmão que eu teria e que eu via no meu pai o sofrimento sempre, todos os anos. Então, conviver com isso é um constante método de tortura, eu posso dizer assim, é uma tortura com os fatos, as coisas que foram ocorrendo em que você não pode, não tem o direito de enterrar um filho, porque você não sabe se ele está morto, você não tem a certeza, você só tem especulação, e como também você não pode dizer mesmo se ele está vivo, porque nada disso comprova. Esse é o fato das investigações que servem para isso. Então, todos esses anos, o que eu acompanhando todo o sofrimento do meu pai, tudo que ele buscou, eu pude ver que a investigação inicial, o recebimento no caso da justiça sobre o fato do meu irmão ter desaparecido naquela noite de fevereiro, quem sou eu para falar em negligência, eu não estava naquele momento, mas até o fato de comumente vulgo falando as pessoas popularmente falam, todo mundo se irrita com o fato de ‘É necessário, existe um tempo para uma pessoa ser considerada desaparecida’. Isso em 1992, tudo bem, hoje é mais fácil ainda sair até do país, mas na época já não existiam redes sociais, internet pouquíssima, a mídia não era como é hoje, então o fato só de não poder fazer um boletim de ocorrência como desaparecido já nas primeiras horas, isso já foi algo que marcou muito o meu pai. Então, meu pai estava ausente no dia do desaparecimento do Leandro. O Leandro vivia com a mãe, com a Dona Paulina Bossi, e com o irmão, meu irmão Ademir, e o meu pai já havia se separado da Dona Paulina há uns dois anos. Então, eles moravam em Guaratuba em um bairro próximo, e como a Dona Paulina tinha necessidade de trabalhar, ela trabalhava no hotel como camareira, o Ademir, meu irmão mais velho, ele de vez em quando fazia um trabalho extra também no hotel e acontecia que o Leandro ficava – claro, uma cidade pequena, todo mundo se conhece – ficava brincando pelas redondezas ou muitas vezes ficava na minha casa junto com a

minha mãe, com as minhas outras irmãs, com o meu pai. Só que o fato do meu pai já estar convivendo com outra esposa sempre foi meio delicado, então nunca era tão fácil o Leandro ficar na nossa casa, então ele acabava ficando brincando com os amigos, brincando na praia, onde tinha oportunidade. E no dia do desaparecimento dele, meu pai estava pescando há dois dias no mar, e de fato meu pai era pescador, já é uma necessidade que eu tenho de falar, porque já foi dito por algumas pessoas que meu pai se apropriou desse perfil de pescador para parecer mais simples e isso nunca foi verdade, nós sempre fomos uma família simples. Eu tenho orgulho do meu pai ter sido pescador por tantos anos e enfim, seguindo a linha de raciocínio, quando ele soube do desaparecimento, quando ele chegou da pesca, a Dona Paulina já havia pedido para o Ademir, quando deram o fato que o Leandro havia desaparecido, já tinha pedido para ele ir à Delegacia solicitar o boletim de ocorrência. Na época não podia e também o Ademir era menor, Dona Paulina não tinha condições de ter ido, e assim que meu pai chegou da pesca, foi no dia seguinte. Ele desapareceu em um sábado e no domingo de manhã ele chegou e já foi na Delegacia. Ele não podia dar a queixa como desaparecimento, então é um ponto muito delicado. Eu não sei como eu lidaria, eu não tenho filhos hoje, então eu não sei o que é você não poder fazer nada. Meu pai era uma pessoa com pouca instrução, ele tinha a maneira até vulgar às vezes de falar, a revolta das palavras que eu sempre entendi o motivo, sempre entendi. A gente convive com a pessoa 'Ah, aquela pessoa fala muito palavrão, aquela pessoa é muito revoltada, muito estressada', mas é que quando se convive com isso, com uma ausência grande dessa, você acaba tendo raiva de tudo, raiva de um sistema em si. Depois, não só pelo fato daquele tempo para ser considerado desaparecido, como a gente pode ver até nos autos do que é a investigação do Leandro, não existe nada inicial. Então, eu venho até vocês hoje como um convite do Grupo de Trabalho do Caso Evandro e toda a investigação do Leandro, até peço licença para dizer isso, se deu às sombras do Caso Evandro. Eu aqui represento o Leandro Bossi, mas estou falando graças à oportunidade que nos foi dada de uma investigação vinda pelo desaparecimento também do Evandro, que foi mais de cinquenta dias depois do meu irmão. Então, em cinquenta dias o que foi feito? Que respostas nos deram? Que necessidade foi essa de 'O que nós vamos falar para essa família?'. Primeiro o desaparecimento em Guaratuba, não havia necessidade também de descobrir o que foi feito com aquela criança? Só depois que precisou uma criança, podemos se dizer assim, um pouco mais de famílias conhecidas, então a gente sempre ficou nos rodapés dos jornais, sempre, sempre foi assim. Isso causou ao meu pai uma angústia muito grande. Eu ver todos os anos ele chorar em aniversário, em Páscoa, em Natal. Ele ser uma pessoa mais amargurada, ele ser um pai que às vezes a gente, quando era mais jovem, considerar um pouco até ausente, o que é irônico de se ver, ele querer tanto um filho e acabar sendo um pouco ausente no sentido de afeto. Nunca nos faltou nada na casa, o pai sempre foi aquela pessoa que estruturou, sempre nos deu o apoio, a

necessidade, as coisas básicas, a comida, um teto, sempre teve isso, só que o afeto eu percebo que meu pai foi se fechando aos poucos. Então, não houve aquele apoio com a nossa família. Eu perguntei a ele há pouco tempo sobre supostos programas que ele teria passado, programas de apoio psicológico, não lembro bem para mencionar, mas ele não se recorda. Se ele passou, ele não se recorda, então não existiu esse apoio, esse carinho, posso dizer assim, com a humanidade do meu pai também. Ele sempre lutou da maneira que ele soube, da maneira que ele soube, então ele ia atrás de pessoas que poderiam lhe ajudar, muitas vezes essas pessoas só queriam também se aproveitar do ponto afetivo que a história trazia. Um ano ou outro vinha uma manchete de jornal, uma necessidade de falar sobre crianças desaparecidas, falar de uma maneira vulgar de casos de magia negra, então o que vende páginas de jornais, se era vendável, vinham nos procurar. Sempre foi assim. Claro, existe até hoje investigação, ainda existe o inquérito aberto do Leandro. Eu até ano passado eu tentei fazer um encontro com a Delegada responsável do SICRIDE do caso do Leandro, tentei junto com o meu pai marcar uma reunião, só que a gente estava no início da pandemia, era muito delicado e acabou que a gente deixou para depois e o depois não pôde ocorrer. O pai acabou falecendo, então tudo que ele teve de memória e tudo que ele viveu realmente, que ele poderia hoje estar aqui falando muito bem para vocês de tudo que ele passou, de tudo que ocorreu e o que não ocorreu, e como foi, que seria ótimo, infelizmente não pode ocorrer. Até peço a Deus que Ele me abençoe com a sabedoria e com a experiência que ele teve com isso, que eu vou seguir sempre os passos e nunca vou desistir de encontrar o Leandro. Eu também espero que se a Dona Paulina estiver me ouvindo, a gente acaba não tendo muito vínculo, mas que ela saiba que eu vou lutar sim até o fim, seja ele qual for. A gente quer respostas, a gente quer a verdade, a gente quer a justiça acima de tudo, é isso que mais importa. Não importa quem fez ou o que fez. O meu pai sempre pediu que se foi feito algo, então pelo amor de Deus só conte realmente onde está o corpo do Leandro, para que a gente possa enfim fazer um enterro, fazer um velório, terminar com esse luto de vez, porque é angustiante a gente viver uma vida sem poder dizer 'Ele faleceu, ele está lá', ou ficar esperando. É muito triste. O pai nunca deixou de esperar e ele passou isso para a gente. Esse manto de espera, essa angústia, perdurou mais e agora ativou mais ainda nossa vontade, porque no dia a dia, vendo ele ali lutando todos os dias, a gente acha que a pessoa é de ferro, que a pessoa não vai se ausentar, que a pessoa até não sofre. De tanto que sofreu, a gente acha que não sofre mais, só que com os anos que foram se passando, logo depois também em que começou a ocorrer as pesquisas do Ivan para fazer o *podcast*, e depois disso as entrevistas para a série da Globoplay, isso tudo foi vindo mais à tona para o pai. Então, os últimos relatos, as últimas conversas comigo foram muito dolorosas, sempre muito triste, e isso fez com que ele sofresse cada vez mais. Então, ele sempre falou para mim que a última coisa que ele queria era apenas saber o que pode ter sido a verdade. Um dos pontos, tirando agora um pouco



esse ponto mais emocional que eu até me emocionei um pouco para falar, que se eu tenho essa oportunidade de falar o que mais me incomoda, até já mencionei um pouco, seria sempre essa ligação dos dois casos. Quando eu fui convidado para conversar pela Senhora Carmen – até agradeço por ter entrado em contato comigo –, a gente sempre fica naquela, eu até comentei com ela que o que mais me incomoda hoje, o que mais incomoda a família também, porque o que eu falo é a partir de conversas que a gente têm em família e a gente pode às vezes decidir o que falar e o que não falar, o que sempre incomoda é o fato que sempre foi ligado ao Caso Evandro. Tudo bem, hoje aqui a gente está falando, é um Grupo de Trabalho sobre isso, mas será que de fato tudo que ocorreu está ligado, tudo que ocorreu com o Leandro está ligado ao Caso Evandro? Será que isso foi condicionado? Será que as provas realmente são provas? E se tem essas provas, existe a necessidade de serem verificadas novamente? Eu não sei, tudo que eu estou falando é de maneira leiga, sem saber aonde a gente pode chegar, mas isso é algo que me incomoda muito. Será que realmente ele desapareceu naquela noite, naquele local? Será que realmente ele passou por aquilo que foi dito? Tem livros hoje publicados que estão à venda em sites em que mencionam que o Leandro está morto, está em um saco na baía de Guaratuba. Me desculpe falar dessa maneira vulgar, mas porque é assim que está escrito em um capítulo de um livro que está publicado. Então, se essa pessoa que fala com tanta propriedade que o meu irmão está morto, está em um saco, que foi jogado com pedras em uma baía, em um local tal, na proximidade de tal local, que inclusive já foi investigado isso e essa pessoa continua falando isso, isso também é uma maneira de tortura, essa pessoa se achar no direito de dizer que a verdade dele é essa. Então, é errado, é errado a pessoa, eu não sei, algumas pessoas até falaram que o meu pai tentou se promover, que meu pai ganhou dinheiro com isso. Gente, nunca ocorreu isso, se eu pudesse compartilhar até algumas fotos de famílias com vocês, vocês acompanhariam como foi viver todos esses anos, ano após ano. Em fevereiro, existia uma faixa na frente da nossa casa, meu pai sempre pediu respostas à Secretaria de Segurança Pública, sempre, sempre, sempre, todos os anos. Claro, com o tempo a pessoa se caleja e não vai mais procurar, não vai bater todo dia na porta ‘Olha o que está acontecendo’, mas ele espera que pessoas que estão em cargo disso continuem sempre, não encerre, não cesse essa vontade de respostas, porque a família nunca vai cansar; a família, ela só vai descansar um tempo. É muito horrível a gente viver sempre sem essa verdade. Cada um diz a sua verdade e como fica? Qual é a verdade? Em que ponto é verdade? É muito triste quando a gente vive uma coisa assim, então hoje o que mais nos incomoda é isso, é essa ligação que fizeram. Quem sou eu para dizer que fizeram isso? Quem sabe até foi necessário, eu não sei as provas que foram levadas, mas hoje a gente vê que tudo virou de ponta cabeça com a série, com o *podcast*, nem a gente mais sabe o que pensar. Eu não sabia de coisas que eu fiquei sabendo com o *podcast*, pesquisas que foram feitas que às vezes pesquisadores vão mais a fundo até que a justiça. A

gente sabe disso, então surgindo novas coisas, pessoas falando opiniões de tudo que é lado, mas nada de fato, né, a gente pode seguir um rumo e falar 'Nossa, agora a gente pode quem sabe chegar pelo menos naquilo'. Será que realmente essas coisas foram feitas corretamente? Não sei, não sei quais eram os processos, os procedimentos que deveriam ser seguidos. É claro que a justiça mudou muito de lá pra cá, mas ela tem que seguir mudando, eu acho que tem que seguir mudando. A gente vê nessa história um corpinho, uma ossada e uma criança ausente ainda neste caso específico. Eu digo esse caso, porque ligaram os dois, Evandro e Leandro foram ligados, então os dois estão ali juntos. Então, a gente tem uma ausência de uma criança, ausência até certo ponto, porque existe ainda relatos de que esse corpo estaria na baía de Guaratuba até hoje, então se de fato ele está, e se ele não está, por que ainda é permitido que ainda existam livros sobre isso? Eu acho revoltante, eu, como familiar, ter que ser obrigado a ler um livro em que um capítulo inteiro fala sobre o pai de Leandro Bossi. Com que propriedade uma pessoa escreve um capítulo inteiro de um livro? Eu não preciso mencionar quem é o autor, quem é o editor, todo mundo sabe e todo mundo, se quiser pesquisar, são livros que supostamente fariam a verdade sobre a história do Caso Evandro, acredito que já deve ter sido até mencionado aqui, então esse livro revolta demais. Eu não tive coragem de ler na frente do meu pai em vida, porque seria horrível para ele ouvir aquilo, ouvir que ele se apropriou de dinheiro de doações, que ele ganhou cesta básica por não sei quanto tempo da época do Mercadorama, que ele viveu uma farsa, uma atuação por ele não ser nem pescador e ele não sofria tanto assim pela perda do filho, então existir coisas hoje são formas de tortura. Claro, acho que isso não seria censura a pessoa está falando sobre uma coisa que não é sobre ela, ela está falando sobre o perfil de um ser humano, de um pai de uma criança desaparecida que sofreu com isso e que ele entende essa pessoa como dessa forma, então se ele entende dessa forma ele não pode escrever assim. Isso tudo que eu falei, que eu posso até ter me enrolado, eu estou meio nervoso, mas isso tudo como um todo é triste, mas eu posso falar um pouco mais sem tanto apelo emocional. Hoje eu estou um pouco mais emocionado pelos acontecimentos de tudo, foi tudo um turbilhão que acontece com a gente. aconteceu o *podcast*, depois foi a série, o pai faleceu antes do lançamento da série, agora vem o Grupo de Trabalho. Então, como a Dona Isabel também falou no início, é muito emocionante ver hoje a justiça tendo de certa forma um carinho com esse caso, um carinho e que faz vinte e nove anos que a gente não via. Teve investigação, teve duas polícias se envolvendo, teve todos os níveis possíveis, teve audiências, teve ações movidas, teve coisas que aconteceram, teve um fim podemos dizer assim, mas nunca foi cuidado com esse carinho que é o Departamento dos Direitos Humanos em si. Eu acho que isso é muito importante, o que está sendo feito aqui hoje, a oportunidade que vocês estão me dando em nome da família do Leandro, que é muito grande. Eu posso não ter falado, não ter chegado no ponto que talvez seria o foco, mas eu agradeço, acima de tudo, tudo que vocês estão

fazendo e hoje me dando essa oportunidade. E para frente, também, se houver a necessidade de uma nova fala das famílias ou até mais pessoas, continuem fazendo, porque as famílias se sentem acolhidas, as famílias se sentem importantes, assim como as crianças desaparecidas são. Hoje, se não me engano, são vinte e sete casos não resolvidos no Paraná e a gente tem que mudar isso, a gente tem que mudar esse passado e fazer com que a partir de agora nenhuma ponta solta fique para trás, porque ficaram muitas pontas soltas nas investigações do Leandro. Eu digo com propriedade, porque meu pai sempre se queixou disso. Eu penso assim, se uma pessoa leiga, que não entende das movimentações da justiça e de nenhum tipo de investigação, se ela subentende que não está sendo feito nada, é porque de fato nem informação sobre a investigação chegou a essa pessoa. Então, é assim que eu sempre levo como parâmetro; se uma pessoa leiga não está sabendo, é porque a informação não chegou até ela, e não ter informação para essas famílias causa também uma sensação de esquecimento, e ser esquecido é horrível, porque é tudo que nos deixa, o tempo passa e a gente deixa alguma coisa. Hoje, o Leandro só deixou saudades, a gente não tem mais nada. Eu agradeço a minha fala, eu acho que não tenho mais muito o que falar, se não eu vou estar só repetindo as mesmas coisas e vai ser um pouco mais complicado para mim continuar. Eu agradeço a oportunidade, espero que eu tenha dito o que vocês queriam ouvir não, o que vocês esperavam, quem sabe o meu rumo de fala, mas muito obrigado”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: “Lucas, meu querido, eu quero dizer que a sua emoção também aqui nos emocionou bastante. Em primeiro lugar, quero que você receba o nosso abraço e que toda a sua família seja também abraçada e acolhida”. **LUCAS STEFFEN BOSSI** pronuncia: “Obrigado”. **DRA. ISABEL KUGLER MENDES** solicita: “Dra., eu gostaria de ter a palavra por uma questão de justiça”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** responde: “Por favor”. **DRA. ISABEL KUGLER MENDES** prossegue: “Leandro, você tem toda razão, o caso do Leandro juntou-se ao caso do Evandro, mas eu preciso falar sobre teu pai. Eu acho que você tem que ter todo o orgulho do seu pai. Muitas vezes eu estive com o Seu Bossi. Seu Bossi, desde o momento em que seu filho desapareceu, ele dedicou-se total. Eu entendi bem quando você disse, e tem que desculpá-lo pela ausência muitas vezes do seu pai, porque a dedicação, o amor, a dor pelo desaparecimento do Leandro... Eu vi seu pai durante uns oito, dez anos do início do caso, mas nesse tempo várias vezes eu vi seu pai, conversei com ele, eu vi quando você disse que a investigação só iniciou com a do Evandro, você tinha toda razão. Iniciou com a Dra. Leila e o Dr. Adauto, que eles ligaram de que haveria essa possibilidade, e o Seu Aldo Abagge, muitas vezes eu vi seu pai em reuniões promovidas com a polícia e tudo mais pelo Seu Aldo. Então, a dedicação do seu pai foi imensa. A dor do seu pai foi como você disse, até o fim. Os questionamentos, as interrogações que você colocou aqui sobre aquela pessoa que disse que o corpo do Leandro estaria jogado em um saco, foi o mesmo que, entre aspas, assistiu ao ritual



macabro e até hoje, impressionante, nenhuma investigação foi para aquele lado. E a mesma pessoa que continuou falando, só que você sabe que envolveu o caso do seu irmão com o Evandro, e havia muita política, muitas das investigações eram exatamente para esconder, e não para mostrar. Então, tenha esse orgulho do seu pai. Seu pai foi uma pessoa que é tudo aquilo que você disse: era um pescador que acabou deixando a sua vida para dedicar ao filho que tinha desaparecido. Que Deus continue fazendo com que você tenha, Lucas, esse sentimento, porque ele é muito válido. Olha a palavra que eu vou usar homenagem ao teu pai, de mostrar o que é uma pessoa que tinha falta de recursos, porque ele precisava trabalhar para viver, para sustentar a família, mas assim mesmo, com o maior sacrifício, ele corria, ele viajava, ele procurou, eu vi e ouvi dele, todas as autoridades possíveis que ele pode bater na porta, ele bateu. Então, continue com esse orgulho, Lucas”. **LUCAS STEFFEN BOSSI** agradece: “Muito obrigado dona Isabel, muito obrigado”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** continua: “Obrigada pelas palavras, Dona Isabel. Acho que é um momento histórico e também importante esse seu resgate junto ao Lucas e à família. Então, sinta-se abraçado, Lucas, assim como toda a sua família e todos os familiares de crianças desaparecidas. Nós aqui convidamos a presidência do Conselho Estadual dos Direitos da Criança, também a Comissão dos Direitos da Criança da OAB, temos representação da Defensoria Pública, que atua no âmbito da infância justamente para que essa pauta do desaparecimento de crianças seja uma pauta que avance e que a gente consiga prevenir a ocorrência de histórias tão tristes, histórias que marcam tantas pessoas, porque o teu relato nos permite isso, Lucas. De alguma forma, nesse tempo breve que você falou com o coração eu te agradeço, porque nós ouvimos o seu coração falando aqui, e a história a partir da sua vivência e da sua família, isso só nos reforça a motivação deste Grupo. Não há como reparar o que aconteceu, mas há como nós atuarmos enquanto Estado, enquanto políticas públicas, enquanto profissionais que atuam no campo da infância e da garantia de direitos para que outras crianças e outras famílias não vivenciem essa dor tão profunda que você aqui relata com tanta propriedade. Então, a minha gratidão, o respeito do Grupo também por partilhar conosco algo tão profundo e tão delicado. Obrigada pela sua coragem e pelo lugar que você ocupa aqui agora. Na sequência, eu peço que os colegas do Grupo se inscrevam. Dr. Marques é o primeiro inscrito. Quem está online, por favor, avise a equipe para que eu possa dar sequência à chamada”. **CLÁUDIO MARQUES ROLIN E SILVA** fala: “Lucas, bom dia. Está ligado [o microfone], é que eu falo meio baixo, eu sou meio surdo, então acho que eu estou sempre gritando. Tenha a certeza, Lucas, nós temos casos de policiais também desaparecidos. Nós temos o Edelio Morenigo, que desapareceu em um sequestro em 2014 no Paraguai, sequestrado pelo EPP. O governo paraguaio queria dar ele como morto, mas nós entendemos que se não tem corpo, não tem morto. Temos o Delegado Thiago Garcez, também desaparecido em um confronto no Rio Solimões, que até hoje não se encontrou o corpo, e para a gente

também se não tem corpo, não tem morto. Esse é o mesmo sentimento da Dra. Patrícia, o mesmo entendimento dela. Tenha a certeza que nós faremos contato com você nos próximos dias e essa reunião vai ser mesmo que à distância. A gente vai conseguir agendar essa reunião e o caso do teu irmão nunca vai esquecido pela Polícia Judiciária. Que Deus abençoe muito você, obrigado por tudo”. **LUCAS STEFFEN BOSSI** agradece: “Obrigado”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** questiona: “Alguma outra questão da equipe técnica ou mesmo dos nossos colegas do Grupo? Ok, acho que não tendo mais nenhuma pontuação, nenhuma questão ou contribuição, agradeço o Dr. Marques por essa retomada. É importante esse diálogo com a Dra. Patrícia para que já antes mesmo do término do relatório do Grupo, esse encaminhamento possa ser retomado. Agradeço pela mediação da sua representação. Lucas, então continuamos à sua disposição, à disposição da sua família também aqui na Secretaria de Justiça, Família e Trabalho, no Departamento. A Carmen é a nossa ponte, a nossa ligação, ela faz parte do Departamento, da Coordenação da Criança, e mantemos o contato com vocês. Estamos à disposição, caso de alguma forma nós possamos oferecer algum tipo de suporte ou apoio aos familiares, enfim, ao seu coletivo de convivência. Agradeço a sua participação e desde já quero dizer que esse relatório será publicizado, os encaminhamentos advindos deste Grupo de Trabalho serão disponibilizados para a sociedade em geral, especialmente o meu compromisso de que você também receba cópia desse relatório, para que divulgue junto aos familiares já em resposta a esse pedido que você nos traz, que é o acesso a informação e a certeza de que não foi só mais um grupo que uma pessoa que ouviu, mas o que é que foi produziu a partir desse nosso trabalho coletivo. Fica aqui então o nosso compromisso”. **LUCAS STEFFEN BOSSI** agradece: “Muito obrigado pela atenção”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: “Bom trabalho e até o nosso próximo encontro na entrega do relatório, se for possível”. **LUCAS STEFFEN BOSSI** agradece: “Com certeza. Obrigado pela oportunidade e bom dia a todos”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** continua: “Na sequência dos trabalhos do Grupo de Trabalho, então a palavra da Dra. Isabel Mendes que, por favor, fique à vontade para nos trazer suas contribuições tão preciosas”. **4. Relato espontâneo da convidada Dra. Isabel Kugler Mendes:** **DRA. ISABEL KUGLER MENDES** relata: “Esse caso, apesar de que hoje muitos já viram todo o trabalho feito pelo jornalista Ivan, mas ele é tão complexo que eu acho que eu tenho que começar do começo. Então, naquela época foi dado uma publicidade imensa sobre o caso, que eu não preciso ficar repetindo, porque envolvia pessoas classe A, alta sociedade, mulher, filha de Prefeito, e na época eu era colunista da Gazeta do Povo, inclusive eu fiz um artigo na minha coluna sobre esse caso, que depois foi inclusive citado, claro, me admirando, como é que pessoas podiam chegar àquele ponto? No final de agosto eu fui procurada por duas pessoas, que eram primos da Dona Celina e da Beatriz, e eles vieram me trazendo algo totalmente diferente. Eles

me disseram que elas tinham confessado sob tortura, que a Beatriz teria sido violentada pelos soldados e me trouxeram na época até que possivelmente a Beatriz estaria grávida, que é uma coisa que não se comenta, e que aquilo tudo partiu das violências, das torturas. Eu pedi admirada, não acreditando, eu disse 'Se houve violência, não me importa se o crime foi ou não praticado por elas, não pode, elas não podem sofrer tortura'. Como eu fui procurada, eu era Presidente do Conselho Municipal da Condição Feminina de Curitiba, então eu pedi cópia dos autos, e na época tinham uns cinco volumes, e chamei minha equipe. Eu tinha oito advogadas e falei 'Nós vamos entrar no caso de Guaratuba', como nós chamávamos, 'o das bruxas'. Houve toda uma revolta 'Não, eu não, eu tenho filho, não vamos', 'Vamos'. Quando eu recebi os autos, na véspera do dia sete, eu viajei naquele dia, mas outra pessoa da família que dirigia, e eu comecei a olhar e fiquei estarelecida desde o início. Como que um processo, eu nunca fui criminalista, Dra., sempre fui constitucionalista, como que um processo poderia ter aquilo que eu estava vendo? Não é possível. Se eu fosse citar todos os casos, nós vamos ficar o dia todo aqui, então uma das coisas: o menino foi cortado as mãos, os pés, mas a chave da casa do menino estava do lado do corpo, coisas como essa. A pessoa que acusava, acusava em uma carta para a Polícia Militar com doze laudas, essa pessoa contava detalhes, mas não estava presente, ele não assistiu, quer dizer, e coisas como essa. O menino que foi encontrado o corpo, foi encontrado com um shortzinho já todo com problema, podre. Quando ele chegou em Curitiba, ele chegou com um shorts do menino e aquilo tudo foi me chamando a atenção e meu pessoal, inclusive minhas advogadas, começaram a colaborar, porque eu pedi que todas lessem os autos para que a gente pudesse fazer alguma coisa. Quando eu comecei a tomar consciência e tentar procurar, por exemplo, o caso do shorts. Era o Dr. Francisco que era o Presidente do IML. Eu cheguei lá e o Dr. Francisco me disse 'A Senhora vai me desculpar, mas o shorts, eu sabia que a Senhora vinha aqui e eu estava na sala, caiu em um recipiente cheio de ácido, não tem mais'. Quando eu fui procurar o dente: 'Não tem', 'Mas como não tem? Vocês não guardaram?'. Nós fizemos um primeiro dossiê só sobre os problemas jurídicos. Esse dossiê, as minhas advogadas me ajudaram – e eu não trouxe esse, só trouxe o segundo – e o Dr. Francisco, que hoje é Desembargador, genro da dona Celina, revisou. Então, não tinham erros, foi revisado e ele era juiz na época. Eu lancei aquele primeiro dossiê, não tinha visto ainda ninguém, lancei, levei para as autoridades. Na época, Curitiba é muito provinciana, eu conhecia as pessoas que eram Secretário de Segurança, Secretário de Justiça, Governador, que era o Requião e era, entre aspas, meu conhecido amigo, conhecia o Presidente do Tribunal de Justiça, Dr. Pedrone, levei em mãos pedindo para tomarem medidas. O Ministério Público, Dra., levei para o Procurador Geral em mãos. Várias pessoas. Me lembro que hoje tem um filho que é seu colega, o **Bruchming**, que era nosso amigo querido. Levei e nada, Dra., nada foi feito. Aí eu fui conhecer as pessoas. Fazia cinco meses do caso quando eu fui conhecer a Dona Celina e a

Beatriz, e quando eu fui entrevistá-la, primeiro eu antes de ser advogada eu era taquigrafa parlamentar, só me deixaram entrar com caneta e papel. Então, eu taquigrafei, é isso que eu tenho aqui, eu taquigrafei e depois traduzi o depoimento delas e fui ver o que a Beatriz e a Cona Celina me mostraram. Cinco meses passados, a Beatriz tinha todos os sinais da tortura, os dedos queimados, todo queimado, aqui um corte que segundo ela foi da fivela do cinto do primeiro estuprador. Me contou tudo, e que ela não aguentou e ela falou aquilo que eles mandavam, que a polícia mandava, que o Coronel, desculpe, era Capitão na época, o Neves determinava. Me contou em detalhes, não vou nem repetir. Aí veio a Dona Celina. Quando a Dona Celina me falou, Dona Celina começou dizendo 'Dra., a Senhora é mãe', 'Sou', 'Se chegarem e disseram para a Senhora, mostrarem a sua filha sentada em uma cama com as calças abaixadas, sangue escorrendo, dezesseis policiais em volta, eles todos com máscara, mas o Chefe não, olhando na sua cara, o Capitão Neves, e dizendo 'Só foram dois, faltam quatorze para tirar o demônio dentro da bruxinha. Ou a Senhora fala ou tem mais quatorze', o que a Senhora faria?'. 'Faria o que a Senhora fez, Dona Celina'. E eu perguntei 'Dona Celina, a Senhora foi torturada?', 'Fui', 'O que aconteceu dona Celina?'. Quando ela começava a me contar 'Eu recebi tapa aqui, eu recebi ali, foi isso e aquilo', e falei 'A Senhora sofreu abuso sexual?'. A Dona Celina caía em choro desesperada 'Não posso, não posso, não posso, não posso, não quero, não quero falar'. Depois que o Seu Aldo morreu foi que ela falou. Bom, aí eu digo 'Agora vou ver os homens'. Fui ver o Cristofolini e o Bardelli, eles tinham advogados, então eu consegui entrar. Conversei, peguei, tudo tem aqui, então não vou... Então, o pau de arara, a forma que levaram à sala de tortura em que eles foram levados, o que aconteceu, e o Bardelli, me lembro que ele contava, ele fez um pedido para mim no final, que é até tragicômico, ele me contou 'Dra., eu tenho dentadura, quando eu estava no pau de arara a minha dentadura foi para a minha garganta, eu estava morrendo, aí veio um policiais e arrancou', e no final da entrevista ele falou para mim 'Eu tenho um pedido para lhe fazer, será que a Senhora não tenta ver se eles guardaram a minha dentadura, a Senhora me devolve?'. Quer dizer, é o tragicômico, né? Aí eu fui ver os três homens. Dra., não consegui, lutei com todas as forças, não consegui. Daí o que eu tive de fazer? O Estado tinha nomeado, eles eram muito pobres, nomeou a Dra. Stella como Defensora, e foi a possibilidade de vê-lo, eu entrei como assistente da defesa da Dra. Stella e eles foram obrigados a me deixar ver os homens. Fazia onze meses quando eu consegui ver os homens. Primeiro absurdo: por ordem da juíza Dra. Anésia, eles não tinham direito a nenhuma espécie de higiene. Eles estavam os três fechados em uma única cela, onde tinha uma torneira, eles nunca tiveram sabão onde eles se lavavam. Como era uma coisa inusitada, acho, que para eles de que teriam uma visita, eles devem ter tomado um banho debaixo da torneira. Quando eles se apresentaram para mim, eles eram verdadeiros bruxos. Tem fotos deles, que depois o Secretário de Justiça, Dr. Ronaldo Botelho, tirou, e que foi inclusive a meu pedido, era

impressionante. Depois que foi secando, Osvaldo Marcineiro fechava com uma barba enorme. Os outros eles tinham, acho que o Davi era mestiço, meio cafuzo, então caía aquilo, vamos dizer barba, que era uma coisa terrível. Então, o Vicente de Paula a mesma coisa. Eu conversei e eles me contaram e foram me mostrando. Olha, Dra., onze meses, eu fiquei impressionada, impressionada com o que eu vi, sinais de queimadura, não apenas nos dedos, em outras partes do corpo. O mais prejudicado foi o Vicente de Paula. O Vicente de Paula, quebraram todas as costelas, e aquilo solidificou em onze meses, mas assim, ele sentia muita dor, as costas dele era roxa onze meses depois, e ele me contou que ele levava uma tábua que eles davam nas costas, me contou os horrores sofridos pela Polícia Militar, que foi a que fez as torturas. Desde o início, quando levaram ele daqui, que ali naquela estrada dos padres, como é que chama ali? Onde eles colocavam ele dizendo para ele confessar, jogavam ele de cabeça para baixo e ele achava que ia morrer, porque só seguravam pela calça. Aí levando o sofrimento que eles foram submetidos, primeiramente levaram para a casa do Stroessner, e o Davi dizia, o Davi usava aqueles colares, aquelas coisas, e o Davi, que eles jogavam búzios, sei lá o que mais, 'Dra., para que fosse prova, a Senhora vai no banheiro tal que nós ficamos, eu tirei e escondi os colares e tudo, escondi para servir como prova'. Nunca me deixaram entrar, eu nunca consegui, Dra., não fui e me contando a forma de que a Dra. Anésia assistiu ao interrogatório, mas que eles assinaram o que eles nunca leram. Eu tenho que voltar nisso, porque é uma coisa importante. Quando eu li no primeiro momento o interrogatório, eu não sabia, depois quando eu constatei, eu voltei aos interrogatórios e falei 'Gente!', foi aí a surpresa que eu tive. Como é que a Senhora chama aqui? A Senhora chama que a Senhora machucou a carótida? Que a Senhora fez um corte longitudinal? Uma pessoa que malmente sabia ler vai contar que o corte foi na carótida? Falei 'Não, tem coisa aqui'. Eu, na época entre as minhas assessorias, eu assessorava a Câmara Municipal de Piraquara, e coincidentemente foi eleito Vereador o Dr. Arthur Drischel, e o Dr. Arthur tinha sido aquele que fez o laudo no corpo do menino, que constatou que o corpo tinha vinte centímetros a mais, e ele me contou que em um domingo um Sargento da polícia, que era conhecido dele, o procurou, porque queria ver os laudos, e ele foi até o Médico Legal, entregou os laudos, e em cima dos laudos ele tinha visto já a declaração. É que foi feita a declaração dos três homens. Os termos que eles usaram, a carótida, longitudinal, horizontal, o corte, era tudo tirado dos laudos, que vocês podem comprovar agora, e eram pessoas extremamente simples, com uma escolaridade mínima. Então, além de tudo isso que eu já tinha constatado, eu fui e comecei a lutar, a ver, até que mudou o Secretário de Justiça e entrou a pessoa que eu conhecia, que era o Dr. Ronaldo, e eu fui e pedi 'Dr. Ronaldo, por favor' e o Dr. Ronaldo foi com uma jornalista, que era da Secretaria mesmo, e mandou tirar os homens, colocá-los acho que no convívio geral, com o direito à higiene, quer dizer, eles ficaram mais de um ano, que é outra tortura, sem direito a higiene. Bom, depois de tudo isso foi feito esse



dossiê, e este dossiê, se vocês não têm, se for possível e quiserem tirar cópia, tudo bem. Depois desse dossiê, eu comecei a sentir na minha família, comecei a sentir comigo. Eu chegava na minha casa e alguém da minha família – eu tenho graças a Deus uma família enorme, e eu tinha dois filhos que estavam saindo da adolescência – o meu filho estava berrando, gritando, ou a minha filha estava gritando ‘Mãe, saia, saia desse caso, deixe’, ‘Como?’, ‘Acabaram de telefonar’. Eu tinha uma filha com dezoito anos, ‘Vai acontecer o mesmo para a Bel que aconteceu com a Beatriz’. Na época eu só tinha três netos, ‘Vai acontecer o mesmo com os seus netos que aconteceu com o Evandro’. Então, aquilo foi e eu dizia ‘Não, eu não vou deixar’ e ‘Vai, vai acontecer’. Até que um dia aconteceu. Desculpe eu estar contando, mas é que é importante, aconteceu e eu não sabia o porquê, porque comigo não acontecia, para mim ninguém ligava, mas era tortura psicológica na minha família toda. ‘Manda ela sair, manda sair, para, para, para’. Até que um dia aconteceu que minha família almoçava comigo no sábado e minha nora pediu para que as crianças ficassem para ela ir visitar alguém no hospital, e de repente o meu neto de dois anos sumiu, sumiu e cadê? E cadê? Daí já começou ‘A Senhora é culpada, eles avisaram que iam fazer, roubaram o Guilherme, sequestraram o Guilherme, sequestraram’. É também o tragicômico, todo mundo desesperado, já a família correndo, vindo, até que alguém – tinha um banheiro na casa, enorme, que tinha um box fechado e alguém entra no banheiro e minha filha começa a gritar. O Guilherme, meu neto, tinha entrado no banheiro, pegado todos os shampoos da tia, que era o banheiro da tia, jogado em cima, mas isso durou quase uma hora. Aquilo viu para nós o desespero, e eu já era separada, meu ex-marido era o Coronel Paredes, os filhos imediatamente chamaram ele também, contaram. Na segunda-feira ele foi no quartel em uma reunião que estava o Capriotti, Comandante, e disse ‘Se acontecer alguma coisa com a Isabel, qualquer um, alguém da minha família, eu vou matar o Neves e você, vocês dois são os culpados’. Aquilo me obrigou, obrigou a minha família a se mudar, sair da minha casa e ir para um apartamento, porque ali tinha o zelador, o guarda que cuidava que minha filha que entrava de carro não precisava descer como em casa. E até ali parou para mim, mas as coisas continuaram da mesma forma, o Neves continuou; tudo aquilo que indiretamente ele podia fazer, ele fazia. Então, isso vinha para a minha pessoa, que não tinha nada a ver. Na frente acho que vocês sabem, a minha luta continuou com a Dona Celina. Eu continuei vendo os problemas, vi quando o pai da Dona Celina um ano depois morreu, vi alguma coisa terrível que de tanto ele chorar, que segundo se diz ele chorava todos os dias, o rosto dele era todo em feridas, vi o pai do Osvaldo morrer, vi o Seu Aldo acabar tendo câncer do nervoso que ele ficou, depois morrendo, fui vendo a destruição de todas essas pessoas, a luta dos advogados, a luta de tudo. E aquilo que eu disse no começo, eu continuei pedindo para as autoridades, eu continuei levando de tudo que eu fiz eu sempre oficializei tudo. Eu nunca tive resposta. Eu tenho que contar isso. Um dia o Dr. Francisco, ele sempre me dizia ‘Por que não tem forro a sala onde o Diógenes Caetano

denunciou que foi feito o ritual? Não tem forro, não tem portão’, e eu não entendia ‘Como, Dr. Francisco?’. Aí o Dr. Francisco ‘A Senhora quer ir ver?’, ‘Quero’. Aí o Dr. Francisco me levou, e isso foi no ano seguinte, e eu chegando lá eu fiquei besta, por que não tinha forro? Porque é como se tivesse uma cobertura como esta aqui e para baixo foi feito com uma distância enorme, era um quadrado, dentro desse quadrado tinha uma mesa, uma mesa antiga; tinha um cofre da altura de um homem; tinha duas cadeiras; no cantinho tinha um banheiro; na frente do banheiro tinha uma janela aberta, onde tinha o relógio ponto que os funcionários chegavam ali e faziam; e do outro lado tinha tipo de uma tábua, com o equipamento que eles pela própria janela pegavam. Na hora que eu cheguei eu disse ‘Mas como é que entraram essas coisas aqui?’. Porque só tinha uma porta e tinha uma janela enorme sem cortina que dava para a rua, e na rua não tinha portão, abertura de um portão onde entrava os caminhões, que era uma fábrica de caixeta. Quando eu fui, era um ano e pouco depois, tinham vinte e seis funcionários, e na ocasião do ritual tinha cinquenta e quatro funcionários. Aí eu fui conversar com os funcionários ‘Vocês estavam aqui?’. Estavam. ‘O que vocês viram? Vocês viram o choro de criança?’, ‘Não senhora’. Eu lembro que um disse para mim ‘Olha, Dra., aquela janela ali não fecha e nós o tempo todo pegamos equipamento, ferramentas para ajuste, nós entramos e assinamos o ponto, nós saímos e batemos o ponto’ – assinamos não, desculpe, batemos o ponto – ‘Não, nós teríamos visto qualquer coisa’, e de acordo com o depoimento, depoimento não, denúncia do Diógenes, a criança ficou ali dois dias, um dia e meio, um dia inteiro mais uma noite até que foi feito o ritual, foi no segundo dia o ritual. Aí o Dr. Francisco disse ‘Bom, agora a Senhora vai onde foi encontrado o corpo’ e marcou. Da fábrica até o local onde foi encontrado o corpo deu cinco quilômetros e quatrocentos metros, inclusive passando pela frente da casa dos pais do Evandro. Nós entramos para conhecer onde que estava jogado, aí ele me contou ‘Olha, isso aqui era tudo fechado com mata, depois do problema do Evandro foi limpo’. Então na realidade a gente entrava, mas da estrada até o local onde foi encontrado o corpo eram trezentos metros, passava o riozinho perto, que quando eu fiz isso tudo, tem aqui, na hora foi encontrado, pasme, a sandalinha do menino foi encontrado um pé junto e alguém levantou ‘Mas cadê o outro pé da sandalinha dele?’. Uma semana depois foi encontrado jogado do lado do riozinho e as coisas começaram a acontecer. Ele me mostrou que do lado onde passava tinha a casa daquela pessoa que contou, não estou lembrando o nome agora, e ele me disse ‘Coincidentemente agora ele saiu da casa, era um rancho e está morando na casa do Diógenes Caetano, está morando na casa do Diógenes Caetano’, e essa pessoa foi a principal testemunha, que contou que viu o carro da Beatriz chegando. Olha, e as coisas foram se sucedendo. Eu esqueci de contar outra coisa. Nós soubemos que a gravação, porque eu sempre apontei mesmo aquilo que estava no papel, a gravação do depoimento da confissão da Dona Celina e da Beatriz, ela era uma prova, porque ele dizia ‘E agora?’, e ela dizia ‘É verdade, é verdade’, a Dona Celina dizia ‘Eu matei

um nenenzinho, não, eu vou dizer, eu vou dizer’, ‘Isso estava ali’, ‘Não, não, eu vou dizer’ e aí reticências, que foi o que depois apareceu na gravação. Nós soubemos que a gravação foi mandada para o Dr. de Minas Gerais, que era o maior especialista nisso na época. E aconteceu que eu estava em São Paulo e o Dr. Francisco me ligou e falou para mim ‘A Senhora tem um espaço de tempo para a Senhora me acompanhar até Belo Horizonte?’, e eu falei ‘Claro que tenho, Dr.’, e eu fui com ele até Belo Horizonte e nós fomos procurar essa pessoa que, meu Deus tem aqui, eu não lembro agora, isso, Dr. Danilo, Dr. Danilo, nós fomos procurar e o Dr. Francisco tinha ligado antes e marcado com ele e ele ia nos receber. Nós fomos no horário marcado e ele não compareceu, nada. Depois, quando teve o julgamento, depois veio uma gravação e a gravação desapareceu, não apareceu no julgamento. O Dr. Celso, eu conhecia bem o Dr. Celso, porque ele formou-se com a minha filha mais velha, com a Berenice, eles foram colegas e eu respeitava o Celso, ele tirou em primeiro lugar quando terminaram o curso, ele era uma pessoa muito inteligente, e o Dr. Celso acabou depois do julgamento, Dr. Celso acabou morrendo, falecendo, e uma morte muito esquisita. Era um carnaval, ele estava em Camboriú com amigos, subiu para tomar um banho, não desceu, foram procurar e o Dr. Celso tinha caído morto no banheiro. Então, se diz que o Dr. Celso, também do nervoso, porque quando terminou o julgamento, Dr. Celso pegou o processo todo, os volumes, todos os autos, e levou para a sua casa e teve licença para continuar trabalhando só naquilo, pedindo como ele pediu e conseguiu que fosse feito outro julgamento pedindo anulação do julgamento, e o Dr. Celso se diz que do nervoso ele acabou tendo problema de estômago, que virou em câncer igual o do Seu Aldo. Quando o Dr. Celso faleceu, a mãe devolveu o processo para o Ministério Público e pasme, a gravação que o Dr. Pena tinha feito estava lá. Aí uma pessoa do Ministério Público me chamou, não me mostrou a gravação, mas me contou ‘Você estava certa’, porque eu tinha comentado com ele que a gravação, o que nós soubemos, o mínimo lá em Minas Gerais, tinha sido pedida pelo Ministério Público. O Ministério Público que tinha mandado fazer a gravação, porque eu me lembro que eu perguntei ‘Mas quem pagou, quem paga?’, ‘O Estado do Paraná’. Então, essa é a gravação que daí posteriormente, não estou dizendo que ela já tinha sido, eu acho que não existia talvez essa técnica naquela época ainda, ou já existia, não sei, que foi a separação das vozes, daí onde aparece a voz dos torturadores como tem hoje, e que o próprio Ivan conseguiu, então não sei, não posso dizer, porque eu não escutei a gravação, só me chamaram e me contaram ‘A gravação que você falou, em relação ao Dr. Pena, está aqui, estava dentro do processo na casa do Celso’. Na época, quando eu fui falar, o Secretário não, o Presidente do TJ era uma pessoa que eu respeitava muito, Dr. Pedrone, era uma pessoa extremamente humana, e eu levei para ele e ele me disse, me lembro como se fosse hoje, hoje ele já faleceu, ele pegou na minha mão e falou ‘Isabel, não há de ser à toa que você está nessa sua luta, mas hoje esqueça, esqueça, não vai acontecer nada, porque envolve problemas políticos muito grandes,

tem muitos interesses, você não vai conseguir, mas continue fazendo, nada é à toa, um dia vai servir'. Como está servindo, porque eu sei que esses dois dossiês deram início, inclusive o trabalho do Ivan em relação a isso, ele foi durante anos examinar os autos, foi o que despertou a curiosidade dele, então eu acredito que na realidade foi. Só terminando isso, eu falei anteontem, me convidaram para participar de um seminário da Universidade Federal e eu falava exatamente sobre o problema, porque durante doze anos na Ordem eu fui Vice-Presidente da Comissão de Direitos Humanos, e oito agora eu fiquei no Conselho da Comunidade, Órgão da Execução Penal. Afinal, como a Dra. Disse, já virei história, faz cinquenta anos que eu trabalho, quer dizer, além da minha parte profissional, mas trabalhando voluntariamente, que eu diria, em órgãos que são oficiais, mas o trabalho é voluntário, onde ou você se dedica ou não vai pra frente. Todos aqui sabem o que é trabalho voluntário: ou coloca amor ou não existe. E assim foi com aquilo que eu trabalhei, quatorze anos Presidente do Conselho da Comunidade, da Comunidade não, desculpem, da Mulher, agora vinte anos na Ordem, oito anos aqui no Conselho, mais oito anos no CONEN de entorpecentes, que era daqui, mais quatro anos aqui. A primeira Comissão de Direitos Humanos eu fui convidada na Fundação a participar, o Secretário era – que foi Presidente da Ordem, eu já lembro – então foram cinquenta anos de trabalho voluntário que eu agradeço a Deus de ter podido corresponder a isso, porque sempre coloquei muito amor, mas vamos ao caso de Guaratuba, o Evandro, como aqui se fala. Esses vinte e nove anos, eu nunca deixei acompanhando as pessoas mais simples, humildes. Davi foi o único que teve a coragem de estudar, se não me engano ele terminou o curso de Direito. Davi, Osvaldo e o Vicente, o Vicente eu lembrei da participação no seminário, porque teve uma pergunta 'Qual o caso que mais lhe emocionou no trato com os encarcerados?'. Foram muitos, mas eu quero lembrar o do Vicente de Paula. O Vicente, ele era tão pobre, que ele não teve nunca advogado; os outros conseguiram. O Vicente nunca saiu da cadeia, ele entrou e morreu lá dentro, tudo aquilo que ele tinha, que levou das torturas, e acabou ainda tendo um câncer, foi para o Complexo Médico Legal. Tanto na Ordem quanto no Conselho da Comunidade, eu semanalmente fazia vistoria, visita em todas as unidades, e toda vez que eu ia no Complexo eu falava com o Vicente. Um dia eu recebi um telefonema e falaram 'A Senhora pode vir aqui?'. Era o Marcos, o diretor Marcos Muller, 'A Senhora pode vir aqui?', 'Posso Marcos, o que aconteceu?'. Sempre me chamavam quando acontecia alguma coisa não boa, e o Marcos falou 'É o Vicente, ele está pedindo para falar com Senhora', e eu fui. O Vicente estava no hospital, em uma cadeira de rodas, magro, acabado, que eu já tinha visto assim, e eu cheguei, peguei na mão dele, sentei do lado e ele falou 'Dra., a Senhora acredita na minha inocência?'. Eu falei 'Vicente, por que você está perguntando? Se eu não acreditasse na sua inocência e dos outros, eu não estaria aqui, eu não teria feito o que eu fiz'; 'Eu sei, é que eu preciso ouvir da Senhora, a Senhora acredita que eu sou inocente?'. Eu falei 'De verdade, eu acredito Vicente, eu acredito'; 'Eu quero lhe contar

Dra., eu preciso falar para a Senhora, eu sou inocente, Dra., eu nunca matei ninguém, eu sempre respeitei as crianças, então eu não ia matar uma criança. E eu estou falando para a Senhora, tudo aquilo que eu confessei, Dra., foi porque eu não aguentei, mas eu sou inocente'. Eu falei 'Vicente, eu sei que você é inocente, não precisa me dizer'; 'Mas eu precisava falar isso para a Senhora'. Na hora eu não entendi, depois eu compreendi. Três dias depois o diretor me ligou 'Dra., Vicente morreu'. Acredito eu que ele queria partir em paz achando que pelo menos eu no caso acreditava na inocência dele. Então, ninguém diz que é inocente na hora da morte, ninguém diz 'Eu só confessei porque estavam matando a minha filha', e assim foram todos os outros, foram aqui o que todos os outros me disseram. Eu acho que para os Senhores, se eu for contar detalhes, meu Deus, não vai dar não, a gente vai ficar muito tempo, né, Dr.? Eu já estive com o Dr. Cláudio, nós já tivemos muita coisa juntos, né, Dr.? Com o Dr. Olympio também, a de crianças na ocasião eram quatorze crianças desaparecidas. O Dr. Favetti era o Secretário de Justiça. Favetti estava ameaçado, já tinha uma pessoa para substituí-lo, então quando chegou essa notícia para ele, politicamente eu entendo que ele acreditou no início e pela repercussão que teria ele seria mantido. Aí outros problemas que o Dr., o Desembargador me falou 'Dra., é político, se a verdade sair, cai, pode cair até governo, Dra., não vai acontecer nada, a Senhora não vai acontecer'. Depois, a Sheila Abagge, esse dossiê, os dois, tornou-se público, eu me lembro que a Sheila chegou e falou 'A Senhora me autoriza a traduzir para o inglês? Eu vou mandar para a Comissão de Direitos Humanos da ONU'. Foi mandado, foram mandados para todos, aquilo que eu disse no início, para todas as autoridades, mas eu acredito que a verdade é como o azeite: pode-se colocar no fundo de um tonel, ele acaba vindo para cima. Então, eu fico feliz que vocês hoje estão buscando a verdade. São muitas e muitas coisas que eu tenho, lembrar eu lembro de todas, mas que não é possível trazer aqui os pormenores, das lutas, daquilo que eu tenho certeza que depois que os homens saíram, eles não tiveram mais tortura. Eu esqueci de contar, eu falei da Beatriz, eu tenho de contar. Alguém da família me disse que a Beatriz estava possivelmente grávida, pelo que ela estava se queixando para a família, e em um belo dia eu cheguei lá e a Dona Celina e a Beatriz me contaram que eles tinham chamado um médico para fazer exame nas mulheres, coisa que nunca tinha, e que quando a Beatriz foi fazer exame, era quase dois meses que elas estavam lá, foi feito um tipo de uma curetagem na Beatriz. A Beatriz pode contar isso bem. E que a Beatriz, veio a sua menstruação com sinais de que tinha ocorrido um aborto. Eu me lembro que na ocasião algumas pessoas da família falaram 'Graças a Deus, imagina se nascesse essa criança', e eu disse 'Não, essa criança seria a solução para tudo, que pena que morreu, que pena que não deixaram'. Eu acho que a Beatriz pode falar bem sobre isso. Eu acho que é isso, eu estou à disposição, posso explicar tudo aquilo que eu talvez deixei, porque é muita coisa com os homens, com todos eles. Depois foi o julgamento de trinta e quatro dias de julgamento e continuou. Eu sempre, até o final, eu continuei.



Eu me lembro que antes dele, Lógico morreu, porque daí foi promovido, já era o Coronel Neves, o Neves, sempre ele manteve um ódio enorme da minha pessoa. Teve uma audiência pública onde nós nos defrontamos na Assembleia e ele deixou claro, inclusive para o público, que eu é que perseguia, eu que atrapalhei as investigações, eu coloquei muitos óbices no trabalho que eles tinham feito. Depois aconteceu o que aconteceu, ele foi morto por uma pessoa que ele, sei lá, teria também sentido. Eu acho que é isso, a história de uma tragédia que envolveu não foram sete pessoas. Isso que eu ia comentar, a família da Dona Celina viveram coisas boas até hoje, a pessoa que me procurou foi o Nassib Abagge, primo, e o Nassib é como um irmão para mim até hoje, tornou-se meu grande amigo, então eu soube o que passou na época. Teve um Juiz de Direito que foi meu professor, o professor Abagge, foi meu professor de Direito do Trabalho, ele teve um infarto, aí teve uma outra irmã do Seu Aldo que teve do nervoso, de tudo, teve um derrame e foi uma tragédia. As crianças sofriam *bullying*, não podiam ter o nome Abagge na roupinha, porque se não sofriam *bullying* das bruxas, então a família teve de tirar o nome das crianças. As crianças não podiam falar Abagge, porque eram agredidas, sofriam *bullying*. Eu fui acompanhando a tragédia dos sete e a tragédia que foi envolvendo as famílias. Foi realmente alguma coisa que foi o que a Dra. Angela falou para o Lucas, eu não vou repetir que houve muita junção, eu sofri. Eu me lembro um dia que eu fui, depois ela veio me pedir desculpa, era a mãe daquele menino que depois a mãe foi Deputada, Vereadora, Arlete, Arlete. E a Arlete em uma primeira vez ela me enfrentou, era um local público e ela veio e me disse 'Eu não acredito como uma pessoa' – e ainda me chamou de inteligente – 'inteligente como a Senhora tem a coragem de defender essas bruxas que mataram uma criança'. Depois, passado tempos, a Arlete era Deputada e eu fui na Assembleia e a Arlete veio, pegou na minha mão e falou 'Desculpe por aquela vez, eu estava muito nervosa', e eu falei 'Não tem problema'. E como ela, outras pessoas que vinham e me diziam. Uma pessoa amiga minha veio e disse 'Até você está ficando com cara de bruxa, porque defende as bruxas'; 'Está bom'. E daí pela frente N coisas, nunca liguei para isso, eu sabia o que estava fazendo, não era possível que essas pessoas fossem culpadas com aquilo que eu tinha visto nos autos, com os problemas, as aberrações jurídicas, qualquer um ia ver, qualquer um, tanto que com as coisas que eu conhecia, Dr. Arthur, uma pessoa extremamente religiosa, uma pessoa chegar e dizer para mim 'Não era o corpo do menino, não era, tinha vinte centímetros a mais, era de uma criança de dez ou onze anos'. O menino tinha seis, se falava sete, porque queriam que tudo fosse sete, sete pessoas, sete isso, sete aquilo, idade sete. Não é possível, será possível que os outros não vissem o que estava na frente da gente? Acho que já falei bastante, estou às ordens, acho que não precisa falar mais".

**5. Perguntas dos membros do GT: ANA RAGGIO** fala: "Muito obrigada, Dra. Isabel, por estar aqui conosco. Eu trabalho com o acompanhamento das políticas de direitos humanos há alguns anos e já ouvi falar da Senhora muito, já conversei com a Senhora enquanto representante do Conselho da

Comunidade. É um prazer imenso tê-la aqui, uma pena que seja para um caso tão complexo como esse, mas agradeço a sua disponibilidade por estar aqui conosco e trazer mais informações para ajudar no trabalho desse GT. Então, gostaria de abrir para os nossos integrantes, para saber se alguém tem interesse em fazer perguntas para a Dra. Isabel. Dos nossos aqui presentes, o Dr. Marques gostaria de fazer pergunta. Dr., fique à vontade”. **CLAUDIO MARQUES ROLIN E SILVA** fala: “Dra. Isabel, eu até agradeço imensamente a Senhora, a gente já se conhece de longa data, a questão de defesa de direitos humanos as pessoas muitas vezes não compreendem. Estamos enfrentando um problema agora com relação a minha própria instituição, mas tudo dentro daquilo que a gente compreende, que direitos humanos é extremamente complexo, direitos humanos são conflitantes. A Senhora disse uma frase ‘Investigar para não mostrar, investigar para ocultar’, e eu estava pensando a respeito, como as ameaças que Senhora sofreu, é justamente sobre isso que eu vou falar, a questão relacionada ao suicídio daquele perito no dia em que ele ia prestar o depoimento”. **DRA. ISABEL KUGLER MENDES** informa: “Sim, desculpe, eu esqueci do Raulzinho. Eu conheci o Raul menino, o pai dele, que foi Secretário de Justiça, também era um dos melhores amigos do meu ex-marido, e o Raulzinho era um menino que foi super bem criado, tudo. Eu esqueci de falar do Raulzinho, esqueci desse detalhe, de quando a Dona Celina e a Beatriz foram no Instituto Médico Legal, elas ficaram com os guardas atrás ameaçando, e o Dr. Raul não pôde examiná-las e a Dra. Celina fazia gestos e ele não entendia e ele colocou no laudo só escoriações no dedo e um sinal da Beatriz, nada mais. Isto depois eu lembro quando nós ficávamos junto, que teve vários julgamentos que não aconteceram. Eram convocados, nós ficávamos lá na Polícia Civil de vocês, a gente ficava na escola, então procurávamos separar quem era da defesa e da acusação, e eu não conversava com o Raul, mas eu vi o Raul extremamente nervoso, de cabeça baixa na hora de almoço, que a gente ficava dois, três, quatro dias lá. Depois, no julgamento também, e o Dr. Raul ficava e foi na véspera de que ele ia depor no julgamento, ele suicidou-se. Os pais dele, Dona Corina e Dr. Raul, eram pessoas maravilhosas, com todo amor ele foi se suicidar no túmulo do pai, foi extremamente, alguma coisa que marcou a gente também foi o suicídio do Dr. Raul”. **CLAUDIO MARQUES ROLIN E SILVA** pergunta: “Sim, era justamente sobre essa questão da pressão, toda essa situação política, toda essa situação de que, na verdade eu estou aqui até com o relatório da Polícia Militar, do serviço reservado, e eles colocam aqui que eles iriam analisar o fato sob três hipóteses: a primeira magia negra, a segunda venda de órgãos e a terceira tráfico de drogas. Ou seja, eles pegaram uma das hipóteses e ao invés de fazer uma investigação pelo relato que nós temos ouvido aqui, eles pegaram uma das hipóteses e seguiram aquela hipótese. Era só isso que eu queria perguntar, a Senhora não tem dúvida nenhuma, essa questão da ameaça a Senhora não chegou a registrar boletim de ocorrência?”. **DRA. ISABEL KUGLER MENDES** responde: “Não, porque a família do meu ex-marido era toda militar, da

Polícia Militar, a família Paredes, e eu sabia que com o que ele falou para o Comandante, eles iam parar, como realmente pararam. Entra também, de repente, não deixa de ser a parte política da gente, eu não estou lembrada, mas por que eu não fiz, não dei parte? Não dei parte porque seria contra a polícia que meus sobrinhos, meus cunhados, meu ex-marido, o pai dos meus filhos, pertenciam. Aquilo que eu falei para o Lucas, houve sempre da minha parte um questionamento em cima do Diógenes Caetano. O Diógenes Caetano, isso tem alguma coisa que eu fiz, ele era sobrinho de um Delegado que se considerava o maior entendido em magia negra oculta do Paraná, tinha uma biblioteca e ele morava com esse tio, e o ritual, vamos dizer, tem a forma da missa negra, do ritual de magia negra, desses rituais. Eu sempre questionei isso, 'Mas essa pessoa que denunciou estava lá? Como é que você sabe que tinha X pessoas? Como você sabe que foi feito isso, feito aquilo?' Eu sempre questionei e questionei aquilo que o Lucas falou, quando ele veio a público, que a imprensa deu toda a cobertura dizendo que ele sabia que tinha sido as Abagges que jogaram, botaram em um saco com pedras e jogaram. Me lembro que eu vi fotos dele mostrando 'Foi aqui que jogaram'. Meu Deus, para você mostrar uma coisa dessas, você tem de ter visto, você mostrar um ritual você tem de ter visto, mas nunca foi levantado isso". **ANA RAGGIO** continua: "Obrigada, Dr. Marques, obrigada, Dra. Isabel. Alguém mais gostaria de fazer alguma pergunta? A Arlete levantou a mão. Arlete, gostaria de falar? Ah não, era o mouse. Dr. Olympio, o senhor gostaria de falar?". **DR. OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO** fala: "Sim, eu gostaria de deixar o registro do reconhecimento do trabalho durante todos esses anos da Dra. Isabel na área de direitos humanos, na área do sistema penitenciário, das prisões em flagrante. Ela é um ícone do Paraná neste tema relacionado aos direitos humanos, e agradecer a participação dela nesse Grupo de Trabalho". **DRA. ISABELA KUGLER MENDES** responde: "Eu que agradeço, Dr. Olympio. O Senhor sabe o respeito que eu tenho pelo Senhor, sabe, Dr. Olympio. O carinho, quantas vezes em outros casos eu recorri ao Senhor, o Senhor sempre esteve à disposição, sempre admirei o trabalho que o Senhor fez em relação às crianças e adolescentes. Meus cumprimentos ao Senhor, Dr.". **ANA RAGGIO** pergunta: "A gente localizou o segundo dossiê que a Senhora elaborou na internet à disposição, mas a gente não conseguiu localizar o primeiro dossiê da Senhora. Esse que a Senhora trouxe para a gente é o segundo?". **DRA. ISABELA KUGLER MENDES** informa: "É o segundo, então não adianta". **ANA RAGGIO** questiona novamente: "O primeiro a gente consegue? A Senhora tem ele digitalizado? A gente pode ter acesso a ele?". **DRA. ISABELA KUGLER MENDES** responde: "Eu vou ver, Dra. e vou trazer, vou procurar. Contando a verdade, este aqui estava bem à mão e o outro, faz tempo já, dois anos e tanto que eu me mudei, mas quando eu mudei muitas coisas que eu não usava ficaram em caixas e foi colocado no meu depósito. Eu tenho mania de guardar, por exemplo, estou levando isso daqui, mas vou guardar, então nem sei de repente porque, mas eu guardo sempre. Eu vou procurar e vou ver para vocês. Eu não achei no momento,

porque foi ontem que eu procurei para trazer, eu vou ver, Dra.”. **ANA RAGGIO** continua: “Sem problemas. A gente tem a intenção de produzir um relatório ao final com todos os materiais que a gente utilizou, e esse seria um material relevante. Até a Dra. Bruna Saraiva mandou a pergunta para a gente sobre isso, então o segundo já está disponibilizado, mas o primeiro a gente fica à disposição da Senhora para conseguir. Alguém mais? O Dr. Rogério vai precisar se ausentar, ele mandou a justificativa, a gente agradece. A Carmen tinha pedido para fazer uma consideração”. **CARMEN LÚCIA PEREIRA DA SILVA** fala: “Na verdade, era dizer que também a Dra. Arlete Carames tinha se disponibilizado para ocupar o espaço de fala aqui. Ela foi a criadora da Associação de Crianças Desaparecidas – ASCRIDES, que deixou de existir há alguns anos por questão de recursos, mas a Dra. Arlete, o esposo dela hoje tem noventa e seis anos, está com graves problemas de saúde, então não teve condições, mas ela fez um registro muito importante de que também por muito tempo ela vinha se sentindo muito só nessa situação, nesse percurso, como ela diz, de luto, que ela vive com o desaparecimento do filho dela já há trinta anos, e ela pede realmente para fazer um agradecimento especial ao Grupo por esse trabalho e ela se coloca à disposição. Ela não tem condições de se distanciar de casa, o marido dela é extremamente dependente dela atualmente, mas ela está disponível para qualquer situação ou visita mesmo e compartilhar inclusive documentos e a história que ela tem até legislativa, porque foi sempre o que ela encampou enquanto ocupou o espaço como Deputada, então é só o registro que ela deixou e o agradecimento todo ao Grupo”. **DRA. ISABEL KUGLER MENDES** fala: “Carmen, claro que a gente acompanha, eu acompanhei a luta da Dona Arlete, e foi realmente um sofrimento. A luta dela acho que abriu muitas portas para outros casos, porque ela sempre, sempre se manteve ativa, viva, ligada. Foi uma coisa terrível o desaparecimento do filhinho dela, do Guilherme, então meus cumprimentos também em respeito a Dona Arlete”. **ANA RAGGIO** fala: “As associações que trabalham com o desaparecimento de pessoas são sempre muito complexos. Eu acompanhei um tempo os movimentos enquanto era residente técnica aqui na Secretaria de Justiça, por conta do trabalho que a Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos fazia com esses movimentos, e é uma dor e um sofrimento muito grande não conhecer o paradeiro de uma pessoa amada. E acho que é esse um ponto importante desse trabalho, é a gente trabalhar pelo fortalecimento das redes de proteção de enfrentamento ao desaparecimento e solução dos casos. Como o Lucas trouxe para a gente do sofrimento enfrentado pela família dele e de tantas outras famílias que vivenciam ainda o desaparecimento de pessoas no nosso Estado, e que a gente busca aqui também nesse GT trazer o fortalecimento dessa rede de proteção. Nunca vou esquecer o dia em que eu entrei em uma reunião e tinha uma bandeira do Brasil bordada com o nome de todas as pessoas desaparecidas daquela Associação, escrito ‘Onde estão os seus filhos, pátria amada?’. Então, é uma tristeza muito grande mesmo”. **ANA VITÓRIA NAUMANN** comenta: “A jornalista Vania Mara Welte me

encaminhou uma mensagem agora para que eu transmitisse para a Dra. Isabel. Ela disse, Dra. Isabel, que vocês estiveram muitas vezes juntas nessa luta, que seu trabalho é gigantesco e muito corajoso, que ela reverencia pelo fantástico e isento trabalho em favor dos injustiçados, que se ela pudesse ela ergueria uma estátua em praça pública para a Senhora”. **DRA. ISABEL KUGLER MENDES** diz: “Imagine, por favor, aqueles que me conhecem sabem, imagine. É verdade, ela foi, além de jornalista, ela foi além, porque a Vania, ela saiu daquele lugar comum que era, vamos dizer, ela procurou algo mais que era só aquela manchete, aquele estardalhaço, aquelas coisas, e a Vania se aprofundou. Então, a Vania entrou realmente no âmago da questão vendo a dor, o sofrimento, porque é terrível. Eu vejo talvez até o trabalho que até hoje eu faço, claro que tem, mas eu não ligo, pode criticar à vontade que eu não ligo. Às vezes me perguntam ‘Como que a Senhora tem coragem de defender isso, aquilo?’. Eu falei ‘Olha, gente’ – isso agora, né, meu trabalho que é com os encarcerados – e eu digo ‘Olha, gente, eu me coloco no lugar deles, não quero saber o que foi que eles fizeram, porque eles já foram condenados pela dívida contraída com a sociedade, estão pagando, mas isto não significa que a condenação tirou os direitos humanos dele’. Quer dizer, isso agora hoje que eu estou falando, eles têm direito sim a uma cama, têm direito sim a um prato de comida, têm direito sim a um momento no sol, têm direito sim a um trabalho, têm direito sim a poderem sair de lá e serem inseridos na sociedade. Então, eu me coloco também no lugar das famílias que perderam os seus entes queridos. Eu tenho hoje, viu, Dra., contando agora, eu sou a bisavó feliz de treze bisnetos. Acabou de nascer a minha última bisnetinha, Ester, então eu me coloco, Dra., minha bisneta primeira acabou de fazer doze anos e a décima terceira acabou de nascer. Não são muitos, porque os netos são dezoito, então nem são muitos ainda. É mesmo, minha família eu agradeço a Deus todos os dias. Eu me coloco, imagina um neto, um bisneto meu, eu sempre me coloquei talvez, isto é que me deu força, ânimo, coragem de lutar mesmo que não desse resultado, mas pelo menos era minha consciência, que eu estava fazendo com amor à minha família. Imagine se eu estivesse aqui, eu brigando por um neto, por um bisneto, então é isso, você tem que se colocar no lugar, e hoje o que eu faço defendendo direitos humanos dos encarcerados é isto, ele está pagando a dívida que ele contraiu. Eu falo muito com eles sobre isso, ‘Vocês têm de ter paciência, tem de lutar, porque vocês contraíram uma dívida com a sociedade e o pagamento é esse, é o encarceramento. Agora, não está lá na condenação de que você não tem direito, no caso dos homens, não tem mais direito a tua higiene pessoal’. Eu esqueci, não falei, mas sabe quando a gente é criança, eu li muito, leio até hoje graças a Deus, que dizia que bruxo tinha unhas. A unha deles era isso aqui, uma coisa horrível, e no pé que eles estavam de chinelo, no pé a unha virou. Vocês não acreditam o que eu via na minha frente, os bruxos, os bruxos realmente. Aquilo que eu tinha lido nos meus livros de criança de bruxo, de feiticeiro, de tudo. Então, eu me coloco no lugar, eles não tinham sido condenados, mas a condenação



não inclui isso, não inclui que eles não tenham sol, como nós vemos hoje os presos que estão na Casa de Custódia de Piraquara que ficam, o Dr. conhece bem, que ficam nos containers. Pelo amor de Deus, eles não têm sol por meses. Um container, que é uma caixa de cimento, que no inverno é geladeira e no verão é um forno, para doze, nunca tem menos de quinze, dezesseis, até dezessete. Meses. Um dia eu cheguei lá e eu 'Por quê?'. Daí eu brigo, brigo em termos, com respeito, eu cobro, não vamos dizer brigo, eu cobro. Um deles me disse 'Dra., eu estou há oito meses sem sol', e eu fui para o Diretor. Claro que o Diretor me disse que não era verdade. 'Estou há oito meses aqui, não tive um dia de sol'. E vocês querem o quê? Que eles saiam de lá bonzinhos? Batendo palma? É o que eu digo, quando alguém trata do jeito que trata hoje e dizem que no Paraná, Dr., é um dos melhores. Se o sistema penitenciário do Paraná é bom, os outros são inferno, porque não é possível, quer dizer, aí já falei para várias pessoas, autoridades 'Se vocês continuarem tratando desse jeito, amanhã vocês vão estar presos, presos no seu carro blindado, presos nos seus muros eletrificados, nas suas cercas eletrificadas, porque vocês estão fazendo bandido, eles não são bandidos, mas vão sair bandidos, porque lá é escola de fazer bandido e os melhores professores são vocês, autoridades que permitem que aconteça isso'. Desculpa esse desabafo, perdoem, perdoem". **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: "Obrigada, Dra. Isabel. Me desculpe, eu precisei me afastar, mas eu certamente vou retomar esse seu relato tão precioso, tão profundo e tão responsável e comprometido com a pauta dos direitos humanos. Dizer à Senhora que trago também o abraço do nosso Secretário Ney Leprevost". **DRA. ISABEL KUGLER MENDES** manifesta: "Eu gosto muito do Ney. Olha só, claro, eu já passei dos meus oitenta, então é muito bom a gente poder dizer assim 'Conheci o Ney menino'. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: "E ele começou muito cedo também". **DRA. ISABEL KUGLER MENDES** continua: "Conheci o Ney menino e eu me dava com pessoas da família dele, a Neila, prima dele, então eu conheci o Ney quando ele foi a primeira vez entrando na política". **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: "Sim, me parece que foi um dos Vereadores mais jovens, e continua com o mesmo entusiasmo e com o mesmo compromisso com a pauta humanitária. E realmente nos pediu a formação deste Grupo para que nós pudéssemos, junto com os demais colegas, representantes de instituições tão valorosas e também tão comprometidas com os direitos humanos, apostar no futuro e aprender essas lições do que ocorreu no passado, visitar o passado com essa perspectiva de que os nossos bisnetos e netos possam viver em um Paraná, em um país, em um planeta melhor. Esse é o nosso compromisso e esse foi o pedido do nosso Secretário, então trago o abraço do Secretário à Senhora. A Senhora é uma referência na pauta de direitos humanos, na pauta de direitos humanos de mulheres também pela sua história na pauta feminina e agradecer o seu tempo, a sua emoção. Acho que a destinação do tempo das pessoas hoje para essas causas coletivas, elas são a maior representação de amor humanitário de fato. O tempo é algo

que nos foge o tempo todo e as pessoas correm atrás do tempo dizendo que não têm tempo. Outro dia eu conversava com um colega, que hoje marcaram uma reunião presencial e o ligar para alguém passa a ser uma prerrogativa de respeito, porque nós via de regra, mandamos mensagens escritas e rápidas no WhatsApp ou gravamos alguma mensagem para depois em algum momento aquela pessoa ouvir. Então, essa conexão, ainda que online, dos nossos colegas que dispõem desse tempo se debruçando sobre essa pauta, a Senhora pode saber, ter certeza de que aqui é um Grupo comprometido com a indicação de um futuro melhor, um futuro revisitado por novas práticas e por um Estado mais garantista”. **DRA. ISABEL KUGLER MENDES** fala: “Amém, Dra. Dra., por favor, transmita também o meu abraço ao Ney, os votos de sucesso sempre e só para lhe dizer que a minha experiência, Dra., mostrou se você quer que alguém faça alguma coisa, procure a pessoa mais ocupada. Se você for procurar alguém que tem tempo, essa pessoa não vai fazer nada, Dra. Procure sempre aquele mais ocupado”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** complementa: “Os sobrecarregados abraçam o mundo, não é?”. **DRA. ISABEL KUGLER MENDES** fala: “Esse vai ter tempo sempre dentro da sua falta de tempo”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** continua: “Muito obrigada, Dra. Isabel. Pergunto aos nossos colegas aqui de GT se há mais alguma consideração, algum encaminhamento que gostariam de dar, se não nós podemos encerrar as atividades do Grupo de hoje. Foi um encontro bastante produtivo, colhendo esse momento de fala do Lucas e também esse momento de fala da Dra. Isabel, com o que nós podemos na sequência agendarmos um horário para as sínteses e principais destaques da nossa escuta do relato espontâneo de hoje. Converso com a equipe e no Grupo em separado organizamos uma agenda de uma hora no máximo para os registros dos relatos de hoje e os destaques do nosso Grupo de Trabalho. Podemos encaminhar assim, colegas? Ok. Muito bem então. Uma ótima tarde a todos, um excelente final de semana, estamos na metade da semana, e que voltemos na próxima semana imbuídos desse nosso objetivo maior do Grupo de Trabalho, que é justamente indicar novas práticas e novas políticas públicas no âmbito do Estado para a garantia de direitos humanos de todas as pessoas. Um grande abraço e até a próxima semana”.

**6. Encerramento:** **Angela Christianne Lunedo de Mendonça** agradece a todos os presentes e encerra o décimo primeiro encontro do **GRUPO DE TRABALHO – CASO EVANDRO: APONTAMENTOS PARA O FUTURO**. Ata redigida por Ana Vitória Naumann e revisada por Eloise Zanon Garcia.